

# Fantasia como recurso criativo na neurose

**Walleska de Oliveira Tavares<sup>1</sup>, Aracaju**

**RESUMO:** A criatividade é inspiração para diversos estudiosos, pois desencadeia em nós, seres humanos, inquietações que nos propõe abdicar da razão. Diante disso, esse trabalho pretende explorar as fantasias criativas nos sujeitos neuróticos, como recurso para lidar com a realidade e os desejos. Pretende-se mostrar a criatividade como uma das vicissitudes da pulsão e está associada à condição vital ao permitir que o sujeito perceba a alteridade da própria existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** criatividade, fantasia, desejo, psicanálise, alteridade.

Viver não é necessário; o que é necessário é criar. Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo (Fernando Pessoa, 1914).

Inspiro-me em poetas, escritores e compositores para explorar o que há por trás dos olhares artísticos e sensíveis, presentes desde o surgimento da humanidade. A criatividade sempre pôde ser utilizada como forma de expressão e comunicação, permitindo a possibilidade de olhar o mundo de forma infinita, muitas vezes descrita metaforicamente. Perceber o universo através da criatividade demanda compreensão para além do que é visto, exige o abandono do conhecido em prol do caminho do sentir, requer ir além do mundo visível.

Fascinados pela inquietação que a capacidade criativa desperta em

---

1. Psicóloga, psicoterapeuta, membro do Departamento de Psicoterapia Psicanalítica do NPA.

nós, vários estudos foram desenvolvidos ao longo do tempo, tentando encontrar a origem de tal capacidade. Estudiosos buscaram a associação da criatividade tanto na insanidade psíquica, presente como recurso existente nas psicoses, quanto como recurso neurótico provindo da fantasia, perspectiva à qual irei me ater neste trabalho.

Em *A Paixão Segundo G.H.*, Clarice Lispector, nos empresta seus sentimentos e palavras poéticas para descrever as interfaces entre o que é visto e o que se oculta além da matéria, “...a realidade é delicada demais. Só a realidade é delicada. Minha irrealidade e minha imaginação são mais pesadas”. Nessa mesma obra a autora ainda compartilha:

(...) Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter loucura sem ser doída. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação. (Lispector, 1996).

A imaginação presente na criatividade pode ser entendida popularmente como “fantasia”, termo esse que, para a psicanálise, é entendido como recurso fundamental para a formação do psiquismo, essencial para a formação das neuroses. Uma das características percebidas na formação do sujeito neurótico é a esquiva da perda da realidade e essa é uma das diferenças entre a neurose e a psicose. No sujeito psicótico há o afastamento da realidade do mundo externo. Ambos, tanto o neurótico quanto o psicótico, utilizam de tentativas de fuga, o neurótico tenta fugir de si mesmo e o psicótico tenta fugir da realidade externa buscando substituí-la.

Nessa tentativa de fuga, a neurose se esbarra com a busca por substituir a realidade indesejável por outra mais agradável, ou seja, o que era

percebido como diferença entre o neurótico e o psicótico é enfraquecido. O neurótico cria então um mundo de fantasia para construir seus desejos. Porém, diferente da psicose, a neurose não repudia a realidade, apenas cria recursos para substituir fragmentos desagradáveis dela.

A fantasia então pode ser entendida como recurso neurótico para afastar fragmentos desagradáveis da realidade, criando uma íntima relação com os desejos inconscientes, tem a ver com a vida imaginária do indivíduo. Sendo assim, a produção de fantasias é dominada pelo princípio do prazer e afastada das exigências e das restrições do mundo externo.

Winnicott (1986), através de estudos sobre o desenvolvimento de bebês, percebeu que os desenvolvimentos iniciais da vida, permitem que o sujeito desenvolva sua estrutura através do acolhimento materno. Dessa forma, a partir do cuidado da mãe, surge o sentimento criativo do bebê. O lactente, ao sentir fome, é saciado com o que desejava, com isso ele imagina que criou aquilo que estava buscando, se alimentando não só de leite, mas de afeto e cuidado. Essas particularidades, que acontecem através do suprimento das necessidades por uma mãe suficientemente boa, permitem que o bebê pense que pode criar o mundo.

Poder pensar que pode criar o mundo é importante para que o sujeito desenvolva a confiança na realidade externa e forme seu mundo psíquico criativo de sentimentos e ideias, amadurecendo a capacidade de encarar a vida de forma imaginativa para que futuramente ele possa enfrentar um mundo que não foi imaginado (Winnicott, 1986).

Em *Escritores Criativos e Devaneios* (1908/1907), Freud compara a fantasia do adulto com o brincar infantil. Para ele, a fantasia do poeta está relacionado com o princípio do prazer, que está presente nas brincadeiras infantis e que quando adulto, a realidade do mundo se impõe, ou seja, a fantasia presente nos recursos criativos, como em obras de ficção, poemas ou músicas, ocorre na tentativa de proporcionar prazer diante da criatividade na busca de tornar sustentável dores muitas vezes evitadas.

Falar das dores e fantasias para um adulto é diferente do que para uma criança, em via de regra, o adulto ocupa parte da sua energia psíquica

tentando esconder, inclusive de si mesmo, as fantasias, os devaneios, os monstros e assombros, na tentativa de que isso não apareça para os outros e muitas vezes nem para si. Há dificuldade em dizer o que sente e até mesmo sentir o que sente.

A arte então acolhe e dá nome ao inominável, ao que se perde no meio do caminho entre o sentir e o falar, funciona como um outro tipo de linguagem, em que só é possível ver quem decide abrir mão do mundo físico e então abraçar o não-palpável. Freud dizia que a criança está sempre buscando a realização de um desejo nas suas brincadeiras: o desejo de ser adulto. Já o adulto, preocupado em ser aceito e amado, preocupa-se em esconder a sua criança.

Manoel de Barros retrata de forma poética em *O menino que carregava água na peneira* (2015), um olhar do mundo que transfigura a compreensão do dito e do visto. Por meio de metonímias e metáforas, o poeta percorre pelo mundo invisível, explorando suas fantasias infantis e nos oferecendo a sensação do afastamento da razão: “(...) A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta! / Você vai carregar água na peneira a vida toda. / Você vai encher os vazios / com as suas peraltagens, / e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!” (Barros, 2015).

Partindo disso, é possível perceber que os poetas muitas vezes lançam luz ao objeto interno, utilizando a natureza como forma de nomear a realidade psíquica. Peralta, segundo o dicionário Michaelis significa “criança travessa; traquinas” e remete à possível liberdade de transitar de forma inquieta, causando desordem. A criatividade permite essa transitoriedade entre o sentir e a linguagem, possibilitando mergulhar na nossa própria desordem repleta de vazios inomináveis e utilizar de imagens provindas da imaginação para expressar o que é sentido.

Sendo assim, o que motiva as fantasias criativas dos neuróticos é a compreensão do despertar no presente em decorrência de experiências passadas, ou seja, a criação artística no neurótico surge como forma para realização do desejo através de recordações infantis. Todos nós temos recordações infantis, desejos e fantasias ocultas muitas vezes, como já

mencionado anteriormente, negados e repudiados por serem julgados vergonhosos, porém os artistas, de forma sublimatória, acolhem e transformam tais fantasias de modo que nos intriga, inquieta e muitas vezes nos emociona. Isso acontece devido à descarga de tensão prazerosa que ocorre ao sentirmos e nos identificarmos, despertando o que há de profundo no psiquismo.

Como expressa Calligaris (2007), a mágica da ficção acontece pois apesar das diferenças singulares que existem nos indivíduos, ela apresenta narrativas partilhadas com todos os seres humanos.

Tal forma sublimatória presente nas fantasias criativas, ocorre como uma tentativa do ego de reencontrar e representar a pulsão como uma das vicissitudes possíveis para ela. O termo sublimação é abordado nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), quando Freud relaciona o tocar e o olhar como sensações fundamentais para o surgimento da excitação da libido. O corpo oculto “desperta a curiosidade sexual”, porém tal curiosidade pode ser desviada artisticamente, por exemplo, se seu interesse for retirado dos órgãos genitais e dirigidos para o corpo todo.

A sublimação permite a passagem da alucinação primitiva para a ilusão, como foi chamada por Freud e posteriormente por Winnicott, ou seja, a ilusão é o encontro do objeto que pôde ser acolhido, transformado e criado, é um componente para a realização do desejo. O termo alucinação não significa necessariamente algo errado ou falso, como expressa a linguagem cotidiana, mas sim a tentativa de manter o princípio do prazer, negando o desamparo e o conflito psíquico, como tentativa de resgatar a completude narcísica.

Nesse sentido, a fantasia artística pode ser usada como tentativa de preencher o vazio presente ao nos percebermos incompletos e dependentes, constituindo uma espécie de “de volta ao eu mesmo”, que representa a busca de recuperar o narcisismo primário como um componente de defesa contra a vulnerabilidade.

Partindo dessa perspectiva, ao ser relacionada com o afastamento das pulsões, a sublimação é entendida como recurso, ao que parece, negativo,

se comparada com as atividades sublimatórias descritas como recurso para manter a vida.

O termo sublimação pode estar associado a dois discursos aparentemente complementares como lembra Birman (2008), ao belo e admirável, como as artes, bem como ao estado presente na química, em que há a transformação diretamente do estado sólido para o gasoso, relacionando a transformação do estado sólido da pulsão sexual para condição vaporosa a qual há a modificação para o gasoso, sublime e belo, presente não como finalidade sexual, mas como funcionamento aceito socialmente.

No que tange à criatividade e à imaginação, é possível percebê-las na contramão da razão, ou seja, a criação só é capaz de acontecer quando o sujeito se distancia da censura e dos limites, como escreve Friedrich Schiller, poeta e filósofo, em correspondência com Körner descoberta por Otto Rank. Para ele, ao permitir as ideias e fantasias se apresentarem, o sujeito criativo diminui as censuras e as vigilâncias. “Vocês se queixam de sua improdutividade porque rejeitam cedo demais e discriminam com excessivo rigor” (Freud, 1900, p. 137-138).

Para concluir, o sujeito criativo, a fim de suportar a alteridade interna, o não saber e o desamparo, provindos do encontro com o próprio eu, usa a criatividade e a fantasia para se religar através das suas próprias produções. Portanto, a produção criativa funciona como recurso que permite revelar e descobrir o que há de mais estrangeiro e intragável presente em todos nós. Duncan (2001), em uma de suas composições, exprime a ideia da exposição do desejo e da comunicação manifestada pelo inconsciente: “Tudo em mim quer me revelar / Meu grito, meu beijo / Meu jeito de desejar / O que me preocupa, o que me ajuda / O que eu escolho pra amar”. Estamos nos revelando a todo tempo, em busca de alguém que nos ouça e que nos ajude a nos ouvir, e essa é a grande composição e a poesia de uma sessão de análise, a dupla busca sem saber o que, olha sem saber para onde e diante disso revela que só é possível nos encontrarmos ao nos perdermos.

## FANTASY AS A CREATIVE RESOURCE IN NEUROSIS

ABSTRACT: Creativity is inspiration for many scholars, because it triggers in us human beings concerns that propose us to abdicate reason. Therefore, this work intends to explore the creative fantasies in neurotic subjects as a resource to deal with reality and wishes. It is intended to show creativity as one of the vicissitudes of the instinct and is associated with the vital condition by allowing the subject to perceive the alterity of his own existence.

KEYWORDS: creativity, fantasy, wish, psychoanalysis, alterity.

## LA FANTASÍA COMO RECURSO CREATIVO EN NEUROSIS

RESUMEN: La creatividad es inspiración para muchos estudiosos, porque desencadena en nosotros los seres humanos inquietudes que nos proponen abdicar de la razón. Por tanto, este trabajo pretende explorar las fantasías creativas en sujetos neuróticos como recurso para enfrentarse a la realidad y los deseos. Se pretende mostrar la creatividad como una de las vicisitudes del instinto y se asocia a la condición vital al permitir al sujeto percibir la alteridad de su propia existencia.

PALABRAS CLAVE: creatividad, fantasía, deseo, psicoanálisis, alteridad.

## REFERÊNCIAS:

- Barros, M. D. (2015). Meu quintal é maior do que o mundo. *Rio de Janeiro: Objetiva*.
- Birman, J. (2008). Criatividade e sublimação em psicanálise. *Psicologia clínica*.
- Calligaris, C. (2007). Para que servem as ficções. *Folha de s. Paulo, 18*.
- Duncan, Z. *Me revelar*. Rio de Janeiro: Mega. 2001. 1 CD (53:36min).
- Freud, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos (I) [*The Interpretation of Dreams*] (J. Salomão, Trans.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (J. Salomão, Trans.) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII, pp. 119-217). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1908 [1907]). Escritores Criativos e Devaneio (J. Salomão, Trans.). In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. IX, pp. 133-146). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Lispector, C. (1996). *A paixão segundo GH* (Vol. 13). Editorial Universidad de Costa Rica.
- MICHAËLIS: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998. (Dicionários Michaëlis).
- Pessoa, F. (1914). Navegar é preciso *Fernando Pessoa - Obra Poética*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar (1995).
- Winnicott, D. W. (1986). Vivendo de modo criativo [*Living creatively*] (P. Sandler, Trans.) *Tudo Começa em Casa* (3ª ed., pp. 23-39). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Zimmerman, D. E. (2009). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica, clínica—uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed Editora.